



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

MULHERES FATAIS E MULHERES MORTAS NA FOTOGRAFIA DE MODA DOS ANOS 1970

Neves, Pedro Pinheiro; Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, pedropinheiron@gmail.com¹

RESUMO

Nos anos 1970, fotógrafos como Guy Bourdin, Helmut Newton e Chris Von Wangenheim enchiam as páginas de revistas de moda norte-americanas e europeias como *Vogue* e *Harper's Bazaar* de cenas de assassinatos, acidentes e agressões, com modelos impecavelmente vestidas e maquiadas, em estados variáveis de nudez, emulando glamorosas vítimas. Nesta apresentação, direciono uma mirada dupla para uma seleção de imagens desses três fotógrafos, todas elas realizadas na década de 1970 para editoriais de moda ou campanhas publicitárias de marcas de vestuário ou de acessórios, e explicitamente representando cenas de violência onde uma ou mais figuras femininas aparecem como vítimas. Por um lado, faço uma leitura que as situa no contexto transgressivo do período: a chamada “revolução sexual”, a pornografia como fenômeno cultural e a penetração no *mainstream* de alguns aspectos das lutas feministas. Fazendo uma leitura comparativa com o trabalho de outros fotógrafos do mesmo período, como Arthur Elgort, Gianni Penati e Deborah Turbeville e empregando conceitos desenvolvidos por teóricas feministas da imagem e da representação como Laura Mulvey e Mary Anne Doane, busco entender as imagens de violência espetacular como fantasias que se utilizam de velhos tropos misóginos (como a figura da *femme fatale* fetichizada e punida) para elaborar ansiedades relacionadas aos supostos avanços das mulheres no contexto da “liberação feminina”. Por outro lado, amparado na negatividade *queer* de

¹ Formado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco e mestre em Comunicação pela UFPE.





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

autores fortemente influenciados pela psicanálise como Leo Bersani e Teresa de Lauretis, interpreto as imagens como materializações de fantasias de outra ordem: como figurações de dessubjetivação extrema e de ruptura violenta dos limites do corpo, imagens de gozo que aproximam a experiência do consumo de moda (e de imagens de moda) da morte, fantasiada como estado de dissolução orgástica e atravessamento por forças inumanas. Meu objetivo é complexificar o entendimento dessas fotografias, cuja leitura costuma ser condicionada ora pela valorização da inovação estética e da ampliação do campo de possibilidades de representação na fotografia de moda, ora por uma condenação *tout court* por uma suposta glamourização e erotização da violência contra a mulher. Suspendendo momentaneamente o julgamento moral dessas imagens, mas sem ignorar as dinâmicas de gênero nelas inscritas, prezo por uma análise que combina contextualização histórica com uma atenção aos aspectos formais, deixando espaço para a ambivalência e a contradição. Se essas fotografias são projeções patriarcais de violentos desejos punitivos, elas também dão forma sensível a pulsões eróticas excessivas e autodestrutivas, afetos de alta intensidade capazes de dismantlar a integridade do corpo e a identidade dos sujeitos.

Palavras-chave: Fotografia de moda; representação; feminismo; teoria *queer*.

